



Recebido em 20/04/2024

Aceito em 27/06/2024

DOI: 10.26512/emtempos.v23i43.52734

## ARTIGO

# Manoel Dantas: o sertão e os sertanejos no contexto republicano

Manoel Dantas: the sertão and the sertanejos in the republican context

*Maria da Luz Rodrigues*

Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
<https://orcid.org/0009-0000-5253-6323>

**RESUMO:** O presente estudo tem como objetivo analisar o conceito de sertão nos livros de Manoel Dantas produzidos no Rio Grande do Norte no período da Primeira República de 1918 a 1922, e assim, evidenciar a maneira encontrada pelo intelectual para instruir os sertanejos por meio do seu pensamento educacional. O autor ocupou cargos públicos, foi diretor da Instrução Pública, respondendo pela organização e investigação do que ocorria nesse setor. Esteve no cenário político, palco das mudanças que a sociedade passava, reestruturando suas tradições e costumes, pois novos saberes foram agregados à cultura do homem do sertão. Serviram de base neste estudo, os livros: Rio Grande do Norte – Ensaio Chorográfico (1918) e Denominação dos municípios – Rio Grande do Norte (1922). Para tanto, utilizamos a metodologia da pesquisa documental qualitativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Primeira República. Sertão. Educação.

**ABSTRACT:** The present study aims to analyze the concept of sertão in the books by Manoel Dantas produced in Rio Grande do Norte during the period of the First Republic from 1918 to 1922, and thus, to highlight the way found by the intellectual to instruct the sertanejos through the his educational thinking. The author held public positions, was director of Public Instruction, responsible for organizing and investigating what was happening in this sector. It was on the political scene, the scene of the changes that society was going through, restructuring its traditions and customs, as new knowledge was added to the culture of the man of the backlands. The books served as the basis for this study: Rio Grande do Norte – Ensaio Chorográfico (1918) and Denomination of municipalities – Rio Grande do Norte (1922). To this end, we used the methodology of qualitative documentary research.

**KEYWORDS:** First Republic. Sertão. Education

## Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar as abordagens que o intelectual Manoel Gomes de Medeiros Dantas fez nos meandros da Primeira República (1918-1922) escrevendo sobre o sertão seridoense potiguar nos livros por ele produzidos, Rio Grande do Norte - ensaio corográfico (1918) e Denominação dos municípios – Rio Grande do Norte (1922), bem como identificarmos as orientações que foram dadas por esse intelectual com base na instrução Pública para transformar a vida no sertão.

Sobre as obras que serviram de base para nosso estudo, evidenciamos que o primeiro livro se trata de um ensaio monográfico apresentado no V Congresso Brasileiro de Geografia no ano de 1916 na Bahia, no qual o intelectual participou como representante do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) que foi aprovado pelo Congresso, e o desembargador Ferreira Chaves ordenou sua publicação em forma de livro, tendo o autor renunciado a quaisquer proventos pela publicação. Este livro foi indicado para professores do Rio Grande do Norte no ano de 1925.

O segundo livro foi originado de uma Conferência realizada no dia 27 de agosto de 1922 no Salão Nobre do Palácio do Governo promovida pela Associação de Professores e por Manoel Dantas. A decisão de escrever a conferência foi motivada por ele ter participado de alguns Congressos de Geografia como representante do estado e, em uma delas precisou dar um parecer favorável sobre uma memória a respeito das costas e portos do Rio Grande do Norte e verificou erros quanto as denominação e posição de alguns acidentes geográficos. Segundo o autor (1922, p. 7-8) “(...) o parecer seria contrário, si os erros verificados não fossem os de todos os compêndios oficiais e não oficiais”. A partir daí resolveu escrever e publicar os conhecimentos da vida e do território do Rio Grande do Norte de maneira correta.

Em 1941 este livro, Denominação dos municípios, foi um dos 4 ensaios de “Homens de outrora” livro publicado por José Augusto de Medeiros em 1941, onde ele reuniu crônicas escrita por Manoel Dantas que foram publicadas no jornal a República no ano de 1898. Posteriormente em 1989 Denominação dos municípios foi publicado em uma reedição fac-similar pela Coleção Mossoroense para estudantes e professores que não circulou comercialmente.

Utilizamos neste estudo a metodologia da pesquisa documental qualitativa, pois faremos uma análise nas obras produzidas pelo intelectual procurando responder os seguintes questionamentos: como ficou lavrada a categoria sertão pelo autor, nesses livros? Como aconteceu o avanço na educação dos sertanejos seridoenses com as contribuições dadas através do pensamento educacional desse intelectual que ocupou diversos cargos na administração Pública do estado? Dentre esses cargos estava o de Diretor da instrução pública sendo responsável pela organização e pela investigação do que acontecia na educação da província.

Salientamos que por meio dessas atuações o autor esteve no cenário político e social, palco de transformações que a sociedade do sertão seridoense potiguar passava na reestruturação de suas tradições e costumes, pois novos saberes foram agregados à cultura do homem do sertão advindos das ideias e pensamentos republicanos pautados no cientificismo moderno.

Este estudo está alinhado às dimensões da História Social e da História Política, tratando da sociedade e do poder nos sertões. Percebemos a importância deste estudo para o campo da História Social, pois queremos trazer visibilidade ao intelectual Manoel Dantas que foi partícipe nas transformações ocorridas na história do sertão e da educação no decorrer do período republicano e que contribuiu com a construção da historiografia da História do Rio Grande do Norte.

Para tanto, Barros (2004, p. 112) afirma que não há fatos políticos, econômicos, ou sociais isolados, pois, não é um tipo de fato econômico, social ou cultural por definição. Portanto, o que define uma subespecialidade da História é o enfoque dado pelo historiador. Assim, podemos afirmar que o campo da História Política se espalha em diferentes direções, podendo encontrar nesses percursos diferentes aspectos de outras dimensões que se agregam ao seu campo.

Dizer que também podemos expandir esses saberes científicos em instituições de naturezas diversas promovendo a interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade nas áreas do conhecimento.

### **Manoel Dantas no contexto republicano**

Os pensamentos sobre República no Brasil que tiveram seu anúncio no ano de 1870 com o manifesto republicano e vieram se consolidar no ano de 1889, foram introduzidos no Rio Grande do Norte e adentraram o sertão seridoense nos fins do século XIX e início do século XX, por meio de seridoenses que frequentavam a faculdade de Direito do Recife e estavam em contato direto com os ideais do mundo europeu.

A campanha republicana no Seridó, sob a responsabilidade de Janúncio da Nóbrega, foi feita nas páginas do jornal O POVO (seu primeiro número circulou em 09 de março de 1889 e seu último exemplar em 1902) que embora de fundo liberal, cedeu espaço aos republicanos. Eram redatores do semanário, Diógenes da Nóbrega, Olegário Vale e Manoel Dantas (...) (MACÊDO, 2005, p. 139).

Manoel Dantas foi um intelectual que nasceu na Fazenda Riacho Fundo, município de Caicó, no estado do Rio Grande do Norte em 26 de abril de 1867. Faleceu aos 57 anos de idade, no ano de 1924, em Natal. Bacharel pela Faculdade de Direito de Recife (1885-1890) e, nesse cenário histórico de transição do Império para a República trouxe para o centro das discussões, mediante artigos escritos no jornal O POVO (1889-1892), as ideias de desenvolvimento e progresso, pois, acreditava que somente a educação mudaria o rumo do homem do sertão seridoense. Contudo, no decorrer desse período percebemos desigualdades e diversidades na organização da instituição escolar para formação social do povo, face às mudanças políticas e sociais que ocorreram.

Novos tempos apontando as propostas republicanas eram apresentados, pois havia as pretensões de apagamento das experiências vivenciadas ao longo do império. Segundo Alessandra Frota Martinez de Schueler e Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi (2009, p. 37), a memória da escola primária e da ação republicana para a educação escolar foi edificada sobre os escombros de antigas casas de escola, de “palácios escolares”, de debates, leis, reformas, projetos, iniciativas e políticas de institucionalização da escola nos tempos do Império.

A despeito do assunto para Isabela Cristina Santos de Moraes (2018, p. 74-75), “nesse contexto, não havia fiscalização para o cumprimento da lei, nem punições na falta do cumprimento desta”. Dessa maneira, a educação popular, a qual denominamos educação pública na contemporaneidade, naquele período permanecia desorganizada com poucas escolas criadas funcionando, tendo como procedimento metodológico basilar o método Lancaster ou de ensino mútuo.

Assim, podemos compreender por meio deste estudo que a instituição escolar, a qual vinha sendo ofertada ao longo do período imperial e início da constituição da Primeira República, embora dialogasse com outras instituições e estruturas sociais, não podia atender os desejos dos defensores de um processo de civilização do povo, pois,

A nova sociedade que surgia com a república, era mais complexa que a sociedade escravocrata. O povo já não era formado apenas pela massa dos agregados das fazendas e dos pequenos artífices e comerciantes da zona urbana era clara a transparência na diversidade da formação social popular, pela divergência de interesses, origens e posições. Existia uma pequena burguesia uma camada média de intelectuais letrados ou padres, os militares em franco prestígio, uma burguesia industrial, ensaiando seus primeiros passos, e todo um contingente de imigrantes que, na zona urbana, se ocupavam de profissões que definiam classes médias e, na zona rural, se ocupavam da lavoura. Todo esse complexo corpo social já não podia comportar-se em instituições de caráter simplista. (ROMANELLI, 2014, p. 64).

Nessa perspectiva, levando em consideração o período anterior, podemos perceber que a sociedade que se formava precisava ter escolas reorganizadas, ter seus próprios espaços e desenvolver novos conhecimentos e novos valores que viessem atender todo esse contingente.

Em junho de 1889, em artigo publicado no Jornal O Povo, Manoel Dantas, abordando sobre os contínuos descasos da instrução pública da Província do Rio Grande do Norte, aponta que havia precariedades em vários aspectos na sua condução por parte dos governantes. Desde a escola primária sem pessoal habilitado, sem método de ensino, sem espaços para acomodar as crianças, a falta de aparelhos com condições higiênicas que as familiarizassem com o ensino prático e intuitivo até as escolas superiores (DANTAS, 1889, p. 1).

Ressaltamos que Manoel Dantas foi um intelectual que perpassou do Império para a República, pois nasceu na segunda metade do século XIX, período marcado pelo surgimento das discussões e ideais pautadas nas concepções científicas, o evolucionismo de Darwin e o positivismo de Augusto Comte, bandeira defendida pelos republicanos. Para Macêdo (2005, p.157), “(...) Manoel Dantas foi um exemplo claro dessa ascendência teórica”.

Dantas descendia diretamente de famílias que pertenciam à elite social da terra e que tinham um certo desenvolvimento intelectual e severos costumes domésticos. Conforme Medeiros Filho (1988):

Dr. Manoel, Gomes de Medeiros Dantas. Filho do casal Manoel Maria do Nascimento Silva e Maria Miquilina de Medeiros. Neto paterno do Cel. João Gomes da Silva e Luzia Úrsula de Medeiros; materno, de Cristóvão Vieira de Medeiros Júnior e Francisca Umbelina da Silva. Nasceu na freguesia de Sant’Ana do Seridó (Caicó), aos 26 de abril de 1867. Foi casado com D. Francisca Augusta Bezerra de Araújo, filha do casal Silvino Bezerra de Araújo Galvão e Maria Febrônia de Araújo, do Acari (RN). Neta paterna de Cipriano Bezerra Galvão e Isabel Cândida de Jesus; materna, de Cipriano Lopes Galvão (irmão do outro Cipriano) e Ana Marcolina de Jesus (irmã de Isabel) Manoel Dantas faleceu, como prefeito de Natal, aos 15 de junho de 1924. (MEDEIROS FILHO, 1988, p. 192-193).

Dantas foi alfabetizado por sua avó materna, Francisca Umbelina da Silva, e seus maiores desenvolvimentos ficaram sob a responsabilidade de seu pai, Manoel Maria, entre os anos de 1874 e 1876. No ano de 1879 estudou latim numa escola existente em Caicó, que fora criada pelo governo municipal sob a responsabilidade do professor Manoel Pinheiro Brasil, concluiu o curso secundário em 1884 na escola o Atheneu de Natal. (AUGUSTO, 2022, p. 244).

Logo em seguida seu pai o encaminhou para Recife, onde cursou o ensino superior na Faculdade de Direito de Recife (1885-1890) que era vista na época como o centro da modernidade, face às ideias que eram discutidas naquele espaço sobre o evolucionismo darwinista, haeckeliano e spencerianismo.

As várias correntes evolucionistas: darwinista, haeckeliano, spencerianismo foram correntes que apresentaram argumentos para o debate social, político e econômico que estava acontecendo no país e para a construção do espírito crítico. Segundo Regina Cândida Gualtieri (2009). Os diversos autores que foram estudados pela autora admitem, que em cada uma dessas correntes havia elementos que facilitavam se converterem em instrumentos de explicação da realidade e sobretudo forneciam argumentos considerados científicos para o projeto de formação político e social que vinha organizado por parte das elites brasileiras. (GUALTIERI, 2009, p. 13).

Foram as faculdades de Direito de Recife e São Paulo, responsáveis pela formação de uma parte dos intelectuais brasileiros oriundos, sobretudo, das camadas mais favorecidas da sociedade brasileira, cuja perspectiva era contribuir de alguma forma na construção do Estado brasileiro “(...) tendo em suas bases ideais liberais e republicanos, defendia o pensamento clássico do século XVIII e os princípios difundidos pela Revolução Francesa” (PASSOS, 2021, p. 52). Desta forma, os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, inspirados pela Revolução Francesa (1789) influenciaram e moldaram o pensamento de Manoel Dantas despertando seu interesse para os valores progressistas.

O anseio de Dantas era que os sertanejos tivessem dias melhores, principalmente no campo da educação, que foi uma das bandeiras mais defendida por aqueles que eram influenciados pelos pensamentos republicanos com ideias europeias e estudos ligados à ciência moderna. Segundo Macêdo (2005, p. 158) “(...) afinado com o século XIX, não lhe falta a velve cientificista, a sacralização da razão bem ao sabor positivista e a noção do tempo como uma evolução (...)”.

Observando os elementos que poderiam ser articulados dentro do espaço de convivência, um desses elementos encontrados pelo intelectual, seria o saber que proporcionaria a esse homem do sertão, evolução intelectual e condições de enveredar por uma estrada larga vencendo os obstáculos. De acordo com Sevcenko (1999, p. 78) “(...) os intelectuais brasileiros voltaram-se para o fluxo intelectual europeu como a verdadeira, e única tábua de salvação, capaz de selar de uma vez a sorte de um passado obscuro e vazio de possibilidades e de abrir um mundo novo (...)”. Dessa maneira, podemos perceber que foram muitas as perspectivas geradas pelos intelectuais diante do cenário político, econômico e social que traria o regime republicano. Eles se comportavam como os responsáveis por indicar o caminho mais seguro para a nação seguir.

Na visão de Sirinelli (2003, p. 243) O intelectual apresenta “(...) dois elementos de natureza sociocultural, sua notoriedade eventual ou sua “especialização”, reconhecida pela sociedade em que ele vive - especialização esta que legitima e mesmo privilegia sua intervenção no debate da cidade que o intelectual põe a serviço da causa que defende. Portanto, Dantas foi um intelectual que circulou em diferentes espaços, ocupou lugar de fala e de destaque, não apenas no campo político, mas também no campo educacional e cultural da sociedade, intencionando contribuir com as transformações do estado do Rio Grande do Norte e particularmente com o sertão do Seridó, lugar onde nasceu.

No ano de 1890, Dantas concluiu seus estudos na faculdade de Recife e voltou para sua terra de origem para dar continuidade às suas produções como intelectual, onde ocupou vários cargos públicos. Foi Promotor Público em Jardim do Seridó e Acari, Juiz Federal substituto, professor, jornalista, fotógrafo, dirigiu a Instrução Pública Estadual (1897-1905 e 1911- 1924), orador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) e foi eleito intendente de Natal, cargo que exercia quando de sua morte.

### **No sertão o outro sertão**

Nos idos do século XIX, o país e os estados passaram pelos dilemas da modernidade. O sertão também sofreu as transformações perpassadas pela nação na perspectiva de adquirir novos ares e estava embalada pela construção dos novos saberes pautados pelo projeto republicano.

O sertão que era visto como o outro, por aqueles que nele chegavam e faziam suas próprias interpretações. Como afirmam Santos, Macedo e Andrade (2023, p. 139), “Em diferentes contextos históricos e historiográficos, o sertão foi dito e visto como o Outro”. O Outro que se sente como algo que está na margem oposta, não conhecido, não abordado, não conquistado. O sertão que, “(...) era visto e dito na literatura, nos discursos parlamentares e no discurso jornalístico como o outro da civilização, do progresso, do adiantamento, da ilustração (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 21). Muito embora os sertanejos não vissem e nem interpretassem o sertão da mesma maneira, pois viviam de seus recursos, tinham seus movimentos e comunicação, seu trabalho, sua religião e suas festividades.

Portanto, “(...) no imaginário sertanejo não havia essa projeção com tanta energia (NEVES, 2003, p. 155). As pessoas que habitavam o espaço sertanejo não tinham o mesmo olhar daquele que o contemplava de longe numa visão de contraste entre o que era “litoral e sertão”. Sertão que guardava nos seus espaços, memória, fragmentos, e partes de diversos viveres e saberes.

Assim, chamamos sertão um território muito vasto e de sertanejos diversos com suas tradições e culturas. O sertão e os sertanejos seridoenses se confundiam e confundiam a forma de pensar do outro que não conhecia a Geografia e a História, as tradições e a cultura desse lugar e conduzia uma visão descritiva distorcida e distanciada. Schama (1996, p. 70) em Paisagem e Memória, afirma que, “(...) quando uma determinada ideia de paisagem, um mito, uma visão se formam num lugar concreto, ela mistura categorias, torna as metáforas mais reais que seus referentes, torna-se de fato parte do cenário”.

Assim, enquanto diferentes pesquisadores se preocuparam em definir o sertão e os sertanejos no contexto republicano, os intelectuais Manoel Dantas, Nestor Lima, Tavares de Lira dentre outros do sertão do Seridó, buscavam produzir outra identidade para o sertão que tinha aspectos diferentes daqueles que eram descritos em outros espaços sob a ótica do “desconhecido”. Para Silva (2011, p. 3) “A consciência política republicana representava pra si e para a sociedade a imagem do sertão como um mundo romântico e, ainda, incógnito”.

No Rio Grande do Norte, os intelectuais escreveram sobre o estado potiguar e sobre o sertão usando a corografia para explicar sobre os espaços locais e construir sua própria identidade, embora sofressem as influências da história social e política. De acordo com René Rémond, (2003, p. 444). “Praticamente não há setor ou atividade que, em algum momento da história, não tenha tido uma relação com a política, pois ela tramita por todos os setores (RÉMOND, 2003, p. 444). Desse modo, o campo da história política emite seus raios em diferentes direções gerando comunicação com diversos domínios.

Por conseguinte, no livro denominação dos municípios vamos encontrar a afirmação do intelectual Manoel Dantas, (2008, p. 3-4) quando diz que, “a história do Rio Grande do Norte estava sendo feita com inteligência, cuidado e amor, por aqueles que as consagravam e acumulavam pesquisas e trabalhos de alto valor em obras já publicadas”. Nesta assertiva são destacados, Capitães Mores de Vicente Lemos, O Rio Grande do Norte de Tavares de Lira, as cronologias de Nestor Lima, Alberto Maranhão, Henrique Castriciano, Felipe Guerra, Antônio Soares e Meira Sá.

Desse modo, sobre as produções corográficas norte-rio-grandenses Brito, Medeiros Neta e Peixoto afirmam que:

A proximidade de intelectuais como Manoel Dantas, Tavares de Lyra, Amphilóquio Câmara, Antônio Soares e Nestor Lima com a administração pública durante o período da Primeira República deu visibilidade às influências – ora sociais, ora políticas, ou ambas simultaneamente – presentes em suas produções corográficas, exercidas sobre a espacialidade norte-rio-grandense. Tornou visíveis essas influências pela valorização dos nomes de determinados atores sociais, de acontecimentos, de espacialidades e até pelas homenagens e agradecimentos feitos em conformidade com os interesses ali envolvidos (BRITO; MEDEIROS NETA; PEIXOTO, 2018, p. 15-16).

Manoel Dantas sendo um desses estudiosos, nascido no Seridó, percorre diferentes lugares no Rio Grande do Norte, como bem disse Schama (1995, p. 34) em “Paisagem e Memória”, “usou o arquivo dos pés”, ouviu sobre suas histórias, interpretou o sertão e os sertanejos em suas vivências e os descreveu sem subjetividade romântica. Em suas narrativas abordou que o sertão teve o início de seu povoamento no começo do século XVIII. Desse modo, Dantas descreve que:

Os terços paulistas que, vindos do «S. Francisco», haviam descido o rio Assú até a embocadura, e as várias expedições que haviam subido o mesmo rio em perseguição aos índios, foram disseminando colonos ao longo de suas margens. Pelo rio Mossoró acima iam também se localizando outros colonos, até as serras do Martins e do Patú. Exploradores vindos de Pernambuco e da Parahyba, pelo rio Parahyba acima, transpondo a Borborema, ficaram encantados com o aspecto original da bacia hydrographica do rio Seridó e ahi se estabeleceram,

formando logo núcleos fortes de uma população laboriosa e pacífica que as secas rigorosas dos fins do século XVIII e, começos do século XIX não conseguiram dispersar. (DANTAS, 2021, p. 9).

O sertão se configurava desde o seu início como um espaço de lutas, mas oferecia condições para os exploradores e outros que aqui fizeram suas paragens se estabelecerem e garantirem sua sobrevivência até mesmo quando a seca assolava. As águas que ficavam guardadas nos leitos dos rios serviam para as plantações e a constituição do seu povoamento.

Portanto, descrevendo sobre a potamologia, ou seja, sobre as águas correntes do Rio Grande do Norte, o autor afirmou que o suprimento dessas águas estava intimamente ligado à forma do solo e obedecia a três regimes diferentes: os rios que desciam da Borborema e da chapada do Apodi, os rios que nasciam da caatinga e os que brotavam dos tabuleiros arenosos do agreste (DANTAS, 2021, p. 20). Portanto, havia um destaque nessa região para o Rio Seridó e Piranhas. Sendo o Seridó notável pelas suas vazantes ou plantações feitas durante o período do verão que se encontravam as terras úmidas próprias para o plantio de: batata, capim e cereais.

Dantas ansiava que os sertanejos aprendessem a conviver com o fenômeno da seca que era um dos problemas enfrentados periodicamente por esse povo. Esse fenômeno prejudicava a vida, não só no Rio Grande do Norte, mas em outros estados do antigo norte. Esta situação preocupa o povo e os governos que precisavam arcar com as consequências na busca por uma solução (DANTAS, 1941, p. 111).

Para o autor, os poderes públicos não deveriam gastar dinheiro no tempo de secas para produzir pequenos efeitos, era necessário aplicar recursos na Ciências, no bom senso, nas experiências vivenciadas por esse povo em outros períodos do ocorrido, e no exemplo de outros povos para diminuir os problemas causados por esse fenômeno. Assim,

Lançar olhares sobre o Seridó, era para Manoel Dantas uma atitude envolvida pelo presente, uma vez que escrevia a partir do corte entre o passado e o futuro. Escrevia do presente e para o presente alertando dos problemas e buscando soluções. (MORAIS; ARAUJO; MEDEIROS NETA, 2009, p. 40).

Desta maneira, podemos perceber que na visão do intelectual o sertão poderia se transformar num espaço de possibilidades de desenvolvimento, desde que houvesse iniciativas para enfrentar os problemas nos períodos de calamidades. Consequentemente, o sertanejo não precisava se deslocar para outros lugares em busca de sobrevivência.

Nos vários lugares do sertão percorridos por Dantas também foram encontrados em diferentes épocas do ano, lugares coroados de beleza e fertilidade transbordando vidas. Nesses espaços a própria natureza oferecia os recursos necessários para permanência e produção. A exemplo disso encontramos Portalegre que, segundo o intelectual tinha a seguinte apresentação aos olhares de quem adentrava neste lugar.

Adeante dos tabuleiros de Caraubas, as serras que se erguem a pique, em pleno chapadão, como castelos cyclopicos coroados de verduras apresentam uma abertura que dá a ideia de uma porta gigantesca, através da qual se vê, de lado



a lado, o céu muito azul e as planícies ridentes, pelas verduras dos campos, na época do inverno, pintalgados das cores berrantes das flores silvestres. Porto Alegre foi a denominação que acudiu aos viandantes para aquela passagem original e pitoresca e Port'Alegre ficou denominação do fértil município daquela região sertaneja. (DANTAS, 2008, p. 12).

Desta forma, o intelectual não media esforços em mostrar o quão o sertão tinha para oferecer aos sertanejos. Era preciso que tomassem conhecimento do que a ciência dizia, e observassem as experiências dos meios que os cercavam. O sertanejo, sendo conhecedor do solo utilizando da maneira correta, sabendo aproveitar aquilo que a natureza concedia, se destacava e era o que queria ser.

O sertão oferecia ao sertanejo, um espaço de oportunidades onde podiam ser desenvolvidas muitas atividades. Estudada em sua manifestação, a natureza apresentava um desenvolvimento progressivo que era a mais segura garantia de seu futuro lisonjeiro (DANTAS, 1889, p. 1).

Desse modo, analisando os escritos de Dantas presentes no jornal O POVO, em seu artigo vida sertaneja II, publicado no dia 07 de dezembro de 1889, compreendemos que em sua opinião seria necessário que os sertanejos fossem orientados, pois munidos dos saberes precisos, saberiam como atingir o progresso. Para Dantas, o progresso chegaria através da educação que propiciaria ao homem do sertanejo os conhecimentos de como viver bem no espaço do sertão do Seridó sabendo aproveitar os recursos que a natureza lhe oferecia, a água e o solo.

Dessa maneira, através de estudos os sertanejos teriam condições de compreender como utilizar esses elementos nas duas estações do ano, inverno e verão, bem como se preparar para os períodos de seca.

Ele afirmava que o homem na sociedade em que vivia não tinha somente a vida material, tinha a vida intelectual e moral. Caso a primeira viesse a desmoronar teria as duas últimas para se reerguer. Desta forma, os bens materiais poderiam ser retirados de si, mas, o saber e seus valores lhes pertenciam e ninguém os poderia tirar. Sem a instrução, o sertanejo seria atrasado e alheio às lutas pelo progresso da nação.

Assim, percebemos que o intelectual descreve o sertão do Seridó como um espaço de possibilidades e de desenvolvimento e o sertanejo com capacidade de vencer as dificuldades desde que buscasse os conhecimentos adequados, vislumbrando aqueles oferecidos pelas ciências, e aqueles adquiridos pelas experiências vivenciadas por meio de suas tradições e cultura. Os saberes científicos chegariam para os sertanejos por meio da instrução, sem esta, o sertão seria atrasado e não evoluiria.

## **O sertão a luz da instrução**

Nas discussões do seridoense Manoel Dantas acerca do sertão, compreendemos que se trata de um espaço de possibilidades e de condições para o desenvolvimento. Chegamos a essa conclusão quando analisamos suas falas encontradas nos seus discursos e nos escritos que deixou registrados nos livros e nos artigos publicados em jornais e revistas da época.

Contudo, o sertanejo só seria protagonista dessa ação buscando a instrução como forma de desenvolvimento pessoal, pois dessa maneira, e inserido na coletividade, atingiria o progresso.

Com a República, o intelectual norte-rio-grandense Manoel Dantas, um defensor dos pensamentos europeus, evolucionista e democráticos, foi um importante motivador do desenvolvimento da educação escolar no Rio Grande do Norte e trouxe para o cerne dos debates que aconteciam nesse lugar, ideias que iam de encontros com aquelas pertencentes ao antigo regime vigente no país, pois se tratava de uma educação livresca. Os livros se prestavam a conduzir o aluno à memorização, e, a partir daí, passam a ser específicos de professores e direcionam os mesmos a dar uma boa aula.

Esses pensamentos já vinham sendo articulados muito antes da consolidação do regime republicano, quando o intelectual se encontrava estudando na Faculdade de Recife e fazia suas articulações por meio da escrita. Suas publicações eram feitas em artigos no Jornal “O Povo”, que começou a ser editado no ano de 1889. Em um dos seus artigos Dantas demonstrou sua preocupação com o sistema educacional da província quando afirmou que:

Se achamos a instrução pública atrasada e deficiente em outros pontos do paiz, em que existe um arremedo de systematisação do ensino, em nossa província não podemos entrar numa analyse precisa porque o terreno foge-nos debaixo dos pés (DANTAS, 1989, p. 1).

Neste artigo tratando sobre a instrução pública escrito no dia 29 de junho de 1889, Manoel Dantas preferiu não fazer uma análise profunda sobre a instrução pública da época, pois na sua opinião eram várias as causas desse atraso que precisavam ser analisadas e articuladas. Mas, assinalou que a falta de uma instrução primária sólida e bem desenvolvida era um dos fatores preponderantes, pois ele entendia que a formação primária era a base para o ensino superior.

Embora, percebamos um discurso velado à luz dos preceitos republicanos, fazendo jus a exaltação dos ideais desse regime político, por outro lado, há a busca por algo que era necessário na província, o elemento base da educação que é visto pelo intelectual como uma lacuna na instrução pública.

Os adeptos dos ideais republicanos no Rio Grande do Norte, adequaram suas ideias e traziam consigo os símbolos da era republicana para a sociedade e eram incutidos no imaginário coletivo através da cultura, da política e da educação (Morais (2018, p. 64). Desta forma, Dantas ficou conhecido porque estava inserido numa elite intelectualizada que se baseava nos princípios positivistas bem como na filosofia Comtiana. Era defensor das ideias de: liberdade, igualdade e fraternidade, lemas da revolução francesa.

A geração formada em Recife foi aquela que constituiu a elite intelectual e política quando o Seridó despontou na produção cotonicultora do Estado. Foi a faculdade de Direito de Recife que forneceu parte dos saberes que sustentaram o discurso regionalistas prefigurando o Seridó com os dispositivos cientificistas adquiridos em seus estudos jurídicos. (MACÊDO, 2005, p. 137).

Foi por meio dos saberes fornecidos pela Faculdade de Direito de Recife que Dantas aprendeu a se preocupar com a instrução pública do sertanejo. As ideias

discutidas naquele espaço despertaram-lhe o interesse de formar um povo instruído e politizado, pois acreditava serem esses, os alicerces para os povos e as nações e não seria diferente no sertão.

Na concepção de Isabela Cristina de Moraes e Maria Inês Sucupira Stamatto (2017, p. 3003), “Como estudante da Faculdade de Direito do Recife no curso de Ciências Jurídicas e Sociais, em 1889 defendia o direito a uma instrução para todos independentemente da posição social.” Desta maneira, no decorrer de sua trajetória de estudante na Academia de Recife, o intelectual se posicionou através dos artigos que publicava no *Jornal O Povo* (1889-1892), do qual era um dos diretores escrevendo sobre diversos assuntos como: política, educação, o sertão e sobre os sertanejos. Conforme Almir Bueno de Carvalho:

A redação de *O Povo* era composta por jovens bacharéis e acadêmicos ligados a José Bernardo por laços de parentesco ou compadrio: além de Olegário Vale, os ainda estudantes Diógenes da Nóbrega e Manoel Dantas, partidários do Liberalismo Radical de Rui Barbosa e adeptos do cientificismo evolucionista haeckeliano da Faculdade do Recife. O jornal colocava-se, assim, como uma “ponte” entre o tradicionalismo dos coronéis e as ideias “avançadas” veiculadas em Recife, constituindo-se num importante divulgador do darwinismo social no meio sertanejo potiguar. (BUENO, 2016, p. 60)

Mesmo que, o jornal fosse uma ponte para divulgação do ideário republicano, Manoel Dantas buscava influenciar os sertanejos a conhecerem as ideias que estavam sendo discutidas não apenas na Faculdade de Recife, mas em outros lugares do país e no mundo. Considerava que o sertanejo apreciava a instrução e aquele que não era um adepto dela precisava ser instigado, isso acontecia porque certamente, ainda não entendia sua importância. Desse modo vamos encontrar no jornal, “O POVO” editado em dezembro de 1889, a seguinte assertiva de acordo com o intelectual:

O sertanejo foi sempre amante da instrução. Não há um só que desconheça a sua vantagem, e si muitos não procuram, na medida de suas forças, não é porque sejam à ela infenso. Fazem-no por uma concepção errônea de sua utilidade. A prova do que dissemos são esses esforços particulares que fazem muitos paes de família, que não podem mandar os filhos as escholas públicas procurando um professor particular, e abrindo sua prole a caminho do saber (DANTAS, 1989, p. 1).

Na concepção do intelectual, muitas famílias não enviavam seus filhos à escola, por falta de um sistema organizado com professores habilitados. Assim, havia aqueles que contratavam professores particulares para instruir os filhos. Mas, em sua opinião, a instrução deveria ser para todos, desde a infância até a vida adulta mesmo aqueles que moravam em lugares mais distantes deveriam receber os benefícios da Instrução Pública.

Em seus discursos, buscou formas de incentivar os sertanejos seridoenses a crescer por meio da instrução e adquirir conhecimentos para compreender a natureza. Segundo o que afirma Schama, (1995, p. 25) “nem todas as culturas acolhem natureza e paisagem com a mesma inspiração, e as que as acolhem conhecem fases de maior e menor entusiasmo”.

Para o autor ao ser examinado o solo do sertão no período de seca havia aridez, mas onde parecia habitar a morte, era encontrado tesouros imensos, pois havia abundância de minérios no sertão. Sendo assim, Dantas descreveu o seguinte:

No município do Príncipe, no lugar denominado Cavalcante, há uma mina de ouro que já fez alguma extração. Em Currais Novos há uma mina abundante de enxofre de que se faz grande extração, e uma outra descoberta de ferros metálico. Existem conhecidas minas de ferro em grande quantidade, de prata de gesso, de estanho e jazidas de carvão de pedra. (DANTAS, 1889, p. 1)

Nesse contexto, o intelectual traz para seu discurso alguns aspectos que podem ser observados no sertão no período de seca, que são as abundâncias de mineiros encontrados em diferentes espaços do sertão do Seridó.

No entanto, em contrapartida, precisamos levar em consideração a ordem do discurso proferido pelo intelectual. Nessa fala, podemos perceber a fragilidade sobre o que poderá acontecer na sociedade com a seca, uma vez que as em virtude da seca, as pessoas buscavam outros lugares para tentar sobreviver. Para Albuquerque Júnior (2011, p. 84). “A sensação de fragilidade que tomava conta dos produtores tradicionais de açúcar e algodão trazia também o medo da perda de domínio sobre o seu próprio espaço (...)”. O homem sertanejo estava inserido num ambiente marcado pelo monopólio do poder onde as elites fundiárias dominantes, na figura de seus representantes, encenavam naquele recorte espacial, possíveis soluções para que se mantivessem as produções que sustentavam os privilégios dessas elites.

Mesmo que nas vozes dos discursos proferidos pelo intelectual ecoassem os desejos da concretização do projeto por ele defendido, que era uma República que resolvesse os problemas enfrentados pelo povo, existia um eco dessa voz que saltava da sua subjetividade. O desejo de ver o sertão como um espaço de destaque, por onde quer que se apresentasse com sua cultura e suas tradições.

Portanto, neste contexto, quando procuramos compreender a posição de Manoel Dantas preconizando que o homem do sertão precisava de instrução para acompanhar e até se posicionar diante dos problemas políticos e sociais do seu espaço, imaginamos que, além das ideias que defendia, nesse pensamento, reside a relação do homem, Manoel Dantas com seu lugar de origem, a família, e os laços de amizades construídos na coletividade.

Como afirma Araújo (2014, p. 8), no seu discurso há preocupação com os problemas que existiam no seu espaço e as relações com os seres humanos que o habitavam, suas subjetividades, sua imaginação, intimidades e valor que adotava ao querer interferir e melhorar por meio de suas ideias e inquietações.

A educação era vista pelo autor como um dos fatores que poderia contribuir para resolução dos diversos problemas enfrentados no Sertão. E, nesse contexto político, no qual o autor estava inserido, a educação se caracterizava como um símbolo para o desenvolvimento da nação. Manoel Dantas foi parte dela, e dela fez parte, desde o início de sua trajetória como estudante e depois como um profissional formado, conhecia seus trâmites e as maneiras de avanços.

Desse modo, ao se inserir na vida pública Manoel Dantas intensificou sua luta na busca por criação de escolas que viessem atender às diferentes demandas dos homens no sertão e em outros espaços que contribuiu com suas ações por onde atuou.

Assim, como incentivador da instrução pública no Rio Grande do Norte, Dantas começou a atuar com mais intensidade nesse processo de busca por uma educação de qualidade no ano de 1897 quando assumiu a função de Diretor Geral da Instrução Pública. Moraes (2018) corrobora com a discussão quando faz a seguinte afirmação:

Contextualizando as contribuições deste intelectual para a instrução pública no final do século XIX e início do século XX este estudo levanta a hipótese de que a contribuição de Manoel Dantas, enquanto diretor geral da instrução pública, foi essencial para a educação do estado e fortalecimento do imaginário educacional republicano, em virtude de sua veemente defesa e intensa atuação em prol do ideário educacional. (MORAIS, 2018, p. 29).

Embora Dantas pleiteasse que os sertanejos norte-rio-grandenses fortalecessem os ideais republicanos, também contribuiu para que a instrução do Rio Grande do Norte se desenvolvesse e pudesse garantir dias melhores para esse povo.

Desta forma, citaremos algumas das contribuições do intelectual. A criação do grupo escolar Augusto Severo em 1907 no governo Antônio de Souza, criação da Escola Normal no governo de Alberto Maranhão, criação de grupos escolares em várias localidades do interior e a reforma do ensino. Dantas, complementava a organização do ensino primário do Rio Grande do Norte instalando cursos complementares e disseminação escolas rudimentares em diversos povoados do interior, reduzindo o índice de analfabetismo.

O Diretor da Instrução Pública assume função de grande responsabilidade perante a educação do Estado. Quanto mais ativo o diretor, melhor saberá identificar os problemas que atrasam o progresso em âmbito educacional, buscando expressar em seus relatórios e refletindo sobre possíveis soluções para as problemáticas identificadas. (MORAIS, 2018, p. 63).

Ainda que defendesse as ideias da política da época, seus propósitos se configuraram no progresso de uma política social do povo sertanejo potiguar por meio da educação. Suas ações se voltavam para esse objetivo. Identificava os problemas, apontava as soluções e acompanhava intensamente as modificações, participando do processo para que os sertanejos norte-rio-grandenses pudessem ter uma educação pública de qualidade e conseguissem se tornar um povo instruído e desenvolvido.

## Conclusão

Com a instalação da República, tornaram-se evidentes que nesse período várias mudanças aconteceram no país, nos estados e nos diferentes espaços regionais.

No Rio Grande do Norte, foi notório que os intelectuais que atuavam neste contexto, mesmo estando em defesa das ideias que ligavam os partidos políticos republicanos, conseguiram dar grandes passos para provocar reflexões ajudando no desencadeamento de ações sobre as perspectivas de mudanças na vida sertaneja através da instrução pública, além de estarem também atreladas aos vários elementos naturais pertencentes ao espaço do sertão do Seridó.

Manoel Dantas, imbuído pelo positivismo que estimulou as discussões das teorias do cientificismo, evolucionismo e darwinismo presentes nas discussões da faculdade de Direito de Recife, onde se formou, e foi influenciado pelos pensamentos de desenvolvimento e progresso, lutou em prol de uma educação que viesse a proporcionar dias melhores para o Sertão seridoense potiguar.

O intelectual percorreu os espaços norte-rio-grandenses, pesquisando e estudando os lugares por onde passou e concluiu que a natureza através dos elementos que fornecia: solo, água, plantas e minérios também proporcionam condições para que o sertanejo se encaminhasse para o desenvolvimento e o progresso e saísse do “atraso”.

Desse modo, na sua concepção o sertão seridoense em seus diferentes espaços e épocas se constituía numa fonte de riquezas. O sertanejo precisava adquirir os conhecimentos necessários por meio da instrução e, conseqüentemente, aprender a desenvolver técnicas para aproveitamento tanto do solo como da água em suas diferentes atividades, pois os elementos necessários para tanto, eram fornecidos pela própria natureza.

Assim, ao analisarmos os pensamentos de Dantas, percebemos que o Sertão, por apresentar condições de desenvolvimento e progresso, o sertanejo munido de conhecimentos poderia se transformar no “outro” com capacidade de vencer as dificuldades e viver dias melhores conservando suas tradições e sua cultura.

O intelectual fazia parte de uma elite de poder, defendia as ideias dessa elite, mas por outro lado também tinha o sentimento de afeto dedicado aos sertanejos, à vontade de ver esse povo instruído e desenvolvido, pois era parte de sua vida. Ele era um galho originado de um tronco das raízes da vida sertaneja seridoense. Portanto, buscava ver o sertão como um campo florido e bem cuidado nas diferentes épocas do ano.

O legado deixado por esse seridoense-caicoense e sertanejo nos deu possibilidade de conhecer parte da história e da historiografia dos homens e mulheres que contribuíram com suas lutas para a constituição de uma educação de qualidade no sertão e, com a formação intelectual desse povo. Também nos fornece bases por meio dos conhecimentos de outrora para ampliar os saberes presentes no contexto educacional da atualidade em instituições de naturezas diversas.

Por se tratar de um intelectual que tramitou por diferentes áreas do conhecimento, os escritos deixados por esse autor podem fomentar pesquisas tanto nas dimensões da História Social e Política como na dimensão da História cultural, uma vez que, escreveu crônicas, contos e poesias, sendo esta última, costumeiramente escrita pelo autor nos jornais para os quais escrevia.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O Rapto do Sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino. *Revista Observatório Itaú Cultural*, v. 1, n. 25, p. 21-35, 2019.

ARAÚJO, Patrícia Lucena de. Manoel Dantas Intelectual e Educador Militante. In: *Anais do VII Simpósio Nacional de História Cultural*, nº VII, Universidade de São Paulo, 2014, p. 1-11.

AUGUSTO, José. Seridó, v. I. Natal: Sebo Vermelho, 2022.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRITO, Anderson Dantas Silva da; MEDEIROS NETA, Olívia Moraes de; PEIXOTO, Renato Amado. *Corografia e produção espaço identitária do Rio Grande do Norte*. João Pessoa: Idea, 2018.

BUENO, Almir de Carvalho. *Ideias e práticas do Rio Grande do Norte (1880-1895)*. Natal: EDUFRN, 2016.

DANTAS, Manoel. *Denominação dos Municípios: Rio Grande do Norte*. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2008.

DANTAS, Manoel. *O Rio Grande do Norte: ensaio chorographico*. Natal: Sebo Vermelho, 2021.

\_\_\_\_\_, Manoel. *Homens de Outrora*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1941.

FARIAS FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Teixeira (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. *Evolucionismo no Brasil: ciência e educação nos museus, 1870-1915*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009.

GUERRA, Antônio Teixeira; GUERRA, Antônio José Teixeira. *Novo Dicionário Geológico-geomorfológico*. 6.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. *A penúltima versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense*. 2.ed. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Caicó, cem anos atrás*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.

MORAIS, Isabela Cristina Santos de; STAMATTO Maria Inês Sucupira. A instrução pública na perspectiva de Manoel Dantas. In: *Anais Eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de História da Educação João Pessoa – Universidade Federal da Paraíba*, 2017.

\_\_\_\_\_, Isabela Cristina Santos de. *A atuação de Manoel Dantas na Instrução Pública Norte-rio-grandense (1897-1924)*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de; MEDEIROS NETA, Olivia Moraes de. Espaço e cultura: (carto)grafias Seridoenses. *Mneme -Revista de Humanidades*, [S.l.], v. 10, n. 25, p. 33-55, jan./jun. 2009.

MORAIS, Jean-Pierre Macedo Dantas de. *Um Rio Grande do Norte a ser ensinado: a trajetória do ensino de História do Rio Grande do Norte durante a Primeira República (1908-1925)*. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural. *Politeia*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 153-162, 2003.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. *História, ciências, saúde-Manguinhos*, v. 5, p. 195-215, 1998.

O POVO. Cidade do Príncipe. *A instrução Pública I*. p. 1, Manoel Dantas, 15 de junho de 1889.

O POVO. Cidade do Príncipe. *A instrução Pública II*. p. 1, Manoel Dantas, 29 de junho de 1889.

O POVO. Cidade do Príncipe. *Vida sertaneja I*. Presente e futuro, p. 1, Manoel Dantas, 30 de novembro de 1889.

O POVO. Cidade do Príncipe. *Vida sertaneja II*. P. 2, Manoel Dantas, 07 de dezembro de 1889.

O POVO. Cidade do Príncipe. *Vida sertaneja III*. P. 1, Manoel Dantas, 21 de dezembro de 1889.

O POVO. Cidade do Príncipe. *Vida sertaneja IV*. P. 1, Manoel Dantas, 28 de dezembro de 1889.

PASSOS, Renata Luz. *As fotografias estereoscópicas seculares do potiguar Manoel Dantas*. 2021. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2021.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Dicionário da Língua Brasileira*. Ouro Preto: NA TYPOGRAFIA DE SILVA, 1832.

RÉMOND, René. Do político. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª. Ed. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil: (1930/1973)*. 40a. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SANTOS, Evandro; MACEDO, Helder; ANDRADE, Joel. *A História dos Sertões em novas perspectivas: contribuições para construção de um campo de pesquisa*. In: MACEDO, Helder (Org.). *Fazendo ciência nos sertões: experiências e idealizações no Seridó*. Sobral: Sertão Cult; Caicó: PPGHC-UFRN, 2023, p. 137-162.

SCHAMA, Simon, *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.



SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa. *Tempo*, [S.l.], v. 13, n. 26, p. 32-55, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Célia Nonata da. O estranho sertão da primeira República. *Revista sertões*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 1-10, 2011.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean François. *Para uma história cultural*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 259-279.